

AS AFETIVIDADES EM WALLON EM UMA INSTITUIÇÃO SOCIOEDUCATIVA EM SÃO GONÇALO

Lucas Salgueiro Lopes; Arthur Vianna Ferreira.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. salgueirollucas@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. arthuruerjffp@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo identificar a relevância da afetividade nos processos de ensino aprendizagem em um instituição socioeducativa não escolar e como a expressão dessa afetividade impacta nas relações sociais assim como na organização da didática desses espaços socioeducativos. A pesquisa foi realizada a partir de visitas sistemáticas a uma ONG no bairro de Itaúna, município de São Gonçalo. As análises foram realizadas através dos relatórios de campo organizados a partir do conceito filosófica da fenomenologia de Edmund Husserl. Para compreender todo o contexto envolvido na realidade da instituição socioeducativa estudada, foi feito um levantamento histórico e social da cidade e do bairro a qual está inclusa, utilizando o recurso da História Oral. A partir de todo material recolhido, busca-se fazer uma articulação das práticas educativas com os conceitos do teórico da Psicologia da Educação Henri Wallon. Algumas das ideias centrais utilizadas na pesquisa giram em torno da importância do contexto espacial no qual se desenvolvem as relações sociais, os estágios de desenvolvimento e a importância da afetividade como ferramenta no processo de ensino/aprendizagem. A realidade do local é marcada por diversos relatos de criminalidade e violência, tais como a caracterização de uma região empobrecida.

Palavras-chave:

Educação não escolar, Psicologia da educação, Henri Wallon, afetividade, Práticas socioeducativas.

1. INTRODUÇÃO

A proposta de projeto que foi trabalhado em 2017 girou em torno da prática educacional para além das instituições formais de ensino. O trabalho busca analisar além da prática educacional – ou o “como faço” – as relações interpessoais presentes numa organização não governamental e como a relação psicossocial entre os sujeitos envolvidos interferem na organização das práticas educacionais de São Gonçalo¹ – região metropolitana do Rio de Janeiro. Essa ONG – Luxo de Vida - oferece diversas atividades ocupacionais a crianças da comunidade a qual faz parte, sendo elas lúdicas, esportivas, profissionalizantes ou educacionais. A prática educacional e as relações de afetividade interpessoais nela envolvidas são o tema de maior interesse. O trabalho foi desenvolvido em relação direta com o programa principal da disciplina a qual faz parte, visto pensar em acordo a psicologia e a educação.

Aqui, é também necessário não pensar simplesmente nas questões psicológicas ou na referida ONG como algo isolado. Para que busquemos e façamos a compreensão necessária de todo

¹ Cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro; 2ª maior do estado e 16ª maior do Brasil. Faz limite com Niterói, Maricá e Itaboraí. Está localizado a 25 km da capital do estado.

esse âmbito, deve-se pensar no contexto social da zona em que essa está localizada. Parte-se então de uma análise histórico-social do macro – São Gonçalo, segunda cidade mais populosa do estado -, até chegar à região onde está localizada sua sede: o bairro de Itaúna, parte do Complexo do Salgueiro. Interfere nos resultados da pesquisa o histórico da região nas últimas décadas: uma região antes “apenas” empobrecida, e hoje um dos principais pontos do Estado com domínio do Comando Vermelho, facção criminosa.

Trata-se de um projeto evidentemente de Psicologia da Educação, mas que entrará em contato interdisciplinar com outras áreas das Ciências Humanas e Sociais por seu modo de fazer. Trata-se da análise de informativos estatísticos geográficos e históricos para traçar o panorama geral do bairro e da cidade. A fonte principal da parte objetiva do trabalho virá por uso da história oral de moradores do local, e voluntários da ONG, tendo base teórica e metodológica vinda da psicologia do francês Henri Wallon², em especial em seus estudos relativos à psicologia do desenvolvimento, interferência do meio social, afetividade, entre outros.

2. METODOLOGIA

O projeto de pesquisa pôs-se a estudar as práticas pedagógicas psicossociais dos voluntários em relação aos sujeitos empobrecidos do programa. Foram visitadas sistematicamente as oficinas de reciclagem, “escola dinâmica”, expressão corporal, horta comunitária e balé. Os relatórios de campo usados na análise são divididos em oito dias de trabalho, que vão do dia 25 de outubro de 2017 a 29 de novembro de 2017. A metodologia foi a de observação de campo a partir da fenomenologia do filósofo Edmund Husserl. Como visto em Ferreira (2016, p.07):

O filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) buscando romper com a orientação positivista da sua época propôs um método filosófico de conhecimento da realidade baseado no empirismo que levasse o sujeito a conhecer, a partir da experiência das realidades e assuntos concretos vividos pelos sujeitos, à essência das coisas de forma consciente.

Os diários de campo são divididos pela estrutura do método fenomenológico de Husserl em: *noema*, *noese* e *variação eidética*. O *noema* seria relativo à parte mais objetiva do relato de vivência; é a descrição da situação a partir de uma percepção mais imparcial possível. O *noese*, ao contrário, seria a parte mais subjetiva; é aqui que o sujeito pode escrever suas lembranças, sentimentos e percepções do fenômeno. A *variação eidética* (por vezes chamada de *redução eidética*), por fim, é a forma de relatar o fenômeno a partir da visão e dos sentimentos dos outros

² O francês Henri Paul Hyacinthe Wallon foi psicólogo, médico, filósofo e político. Nasceu em 1879 e faleceu em 1962.

que fazem parte da ação. É uma forma do sujeito que relata vivenciar a situação de uma forma empática, refletindo sobre como o fenômeno interferiu sobre o outro.

Para a análise desse material foi utilizado de forma central o conceito de afetividade em Henri Wallon, partindo principalmente dos estudos de Izabel Galvão. Outras autoras usadas para essa melhor compreensão dos conceitos de Henri Wallon incluem também Abigail Mahoney, Laurinda Almeida e Heloysa Dantas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo o último censo do IBGE³ (2010), São Gonçalo possui 999.728 habitantes – sendo a segunda mais populosa do estado – e com estimativa para 2017 já ultrapassando a casa de um milhão de habitantes. Considerando que o auge de prosperidade e desenvolvimento econômico da cidade veio durante o século XX, ligado à intensa produção industrial – onde lhe rendeu a alcunha de “Manchester⁴ Fluminense” -, entender o declínio dessa atividade décadas depois, é de valiosa importância para compreender a cidade ainda hoje. Vê-se o ápice dessa fase industrial durante as décadas de 1930 e 1940. Em artigo de Victor de Araújo e Hildete de Melo (2014), temos a dimensão da importância que São Gonçalo atingiu nessas décadas:

No ano de 1928, dentre as coletorias espalhadas pelos diversos municípios do Estado do Rio, as de São Gonçalo lideravam a arrecadação (...) Em 1939, a renda obtida pelas coletorias localizadas no Município de São Gonçalo já era a maior do país (...) São Gonçalo chega ao início dos anos 1940, quando do cinquentenário de sua emancipação política, como um dos municípios mais relevantes do antigo Estado do Rio de Janeiro, do ponto de vista da atividade industrial. (ARAÚJO; MELLO, 2014, p. 71)

No entanto essa fase dura pouco tempo, e segundo a já citada obra de Araújo e Melo (2014), o declínio desse crescimento se inicia já na década de 1950. Alguns dos apontamentos indicam para a falta de investimento do Governo Federal na cidade, além da pouca infraestrutura gonçalense. Surge então à era de uma “cidade-dormitório” e o descaso cada vez mais recorrente com os bairros populares, como visto em Moraes (2014).

3.1 Dias atuais e o contexto educacional

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. É um instituto público que – entre outras atribuições – trabalha com estatísticas sociais, demográficas e econômicas; por exemplo, a realização de censos.

⁴ Cidade da Inglaterra, caracterizada geralmente por ser um histórico centro industrial de grande produção. É baseada nessa característica a designação a São Gonçalo durante essas décadas de 1930 e 40.

Voltando aos dias atuais, os dados mais recentes do IBGE mostram dados alarmantes aos mais de um milhão de habitantes gonçalenses. Pesquisa de 2015 mostra que a porcentagem de pessoas ocupadas na população é de apenas 13,3% - posição 80 de 92 municípios relativos ao Rio de Janeiro. 34,5% da população vive em domicílios com rendimento mensal de até meio salário mínimo por pessoa. Quanto à educação – que será foco em nosso trabalho – os índices do IDEB⁵ são ainda mais alarmantes: os alunos das séries iniciais alcançaram nota 4.3 – posição 90 de 92 no Rio de Janeiro; os alunos dos anos finais alcançaram nota 3.2 – pior desempenho do estado. A taxa de escolarização (entre 6 e 14 anos) foi de 96,7 – posição 72 de 92 no geral.

3.2 História local

Ainda que para entrarmos nas questões próprias da organização não governamental aqui estudada, seja interessante a contextualização de toda cidade, é preciso avançar e aproximar-se do bairro de Itaúna onde está localizada sua sede. Itaúna está no 1º distrito de São Gonçalo⁶, de onde também fazem parte o Centro, ou o importante bairro comercial de Alcântara. Também podemos destacar sua vizinhança mais próxima, com bairros como o Salgueiro, Fazenda dos Mineiros, Porto do Rosa, Itaoca, Luiz Caçador, entre outros. Ainda que não de forma oficial, boa parte dessa área vem sendo classificada por moradores, mídia e autoridades estaduais como interligadas na forma de um complexo de favelas: o Complexo do Salgueiro. Essa interligação, porém, não vem em maior instância por um aspecto cultural ou geográfico. Tratando-se de regiões de domínio de tráfico, possuem todos esses bairros um comando comum feito pela mesma facção. O Complexo do Salgueiro foi recentemente reconhecido pela segurança do Estado como maior refúgio criminal e área de maior poderio bélico do Rio de Janeiro⁷.

⁵ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

⁶ Ao todo, fazem parte do primeiro distrito 30 bairros; são eles: Palmeira, Itaoca, Fazenda dos Mineiros, Porto do Rosa, Boaçu, Zé Garoto, Brasilândia, Rosane, Vila Lara, Centro (Rodo de S.G.), Rocha, Lindo Parque, Tribobó, Colubandê, Mutondo, Galo Branco Estrela do Norte, São Miguel, Mutuá, Mutuaguaçu, Mutuapira, Cruzeiro do Sul, Antonina, Nova Cidade, Trindade, Luiz Caçador, Recanto das Acácias, Itaúna, Salgueiro e Alcântara.

⁷ No depoimento do delegado Marcus Amin, da Delegacia de Homicídios de Niterói e São Gonçalo no início de 2017 ao O Dia, classifica-se o Complexo do Salgueiro como o maior foco da facção Comando Vermelho,. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-03-31/traficante-desafia-policia-a-entrar-em-comunidade-de-sao-goncalo.html>. Acessado em 11 de outubro de 2017.

O percalço maior ao tratar de uma micro-história⁸ no ponto de vista de um recorte espacial aqui, é a falta de bibliografia; a área de Itaúna possui produção acadêmica quase inexistente. Tende-se a recorrer então, a representações vistas em meios de comunicação e principalmente a uma história oral⁹ que possa cobrir mais do que os anos mais recentes.

Aqui se decide por pensar num recorte o mais específico possível referente à área trabalhada. A escolha reflete-se por captar assim as principais características do local, e dar uma melhor contextualização nos alunos e professores dessa educação não formal apresentada pela ONG, e sua importância ao bairro. Para isso, usamos a seguir o recurso da história oral, realizando entrevistas com duas moradoras do bairro. A partir do cruzamento de informação dos relatos, podemos perceber algumas das mudanças geográficas e sociais que o bairro passou nas últimas décadas.

Conversa com *Moradora A* - nascida no bairro de Itaúna no fim dos anos 1960 e moradora até os dias atuais. Suas lembranças de infância nos anos 70 são de um bairro com pouquíssimo comércio, moradores e casas espaçadas: “Havia muito mais mato do que gente” – diz a moradora. A memória indica um lugar simples, já apontando ao conceito de “cidade-dormitório”, visto que todos os poucos moradores do lugar precisavam trabalhar em regiões afastadas. É destacado o contraste com a região ao centro da cidade; essa diferente de Itaúna era contrastada por mostrar uma maior densidade demográfica e por circulação de automóveis – incomuns no bairro. Aponta-se que o só houve maior povoamento e chegada de novas famílias na região durante os anos 1980. A *Moradora A* não aponta para nenhuma lembrança de criminalidade e insegurança – seja de qualquer natureza – na região durante essas décadas iniciais; de acordo com ela, as primeiras aparições policiais e de pequenos crimes na região só vêm na virada para o século XXI.

Conversa com *Moradora B* - retirante nordestina que vem morar com o marido no bairro no fim de 1977 e moradora até os dias atuais. Vem do interior do Ceará em busca de melhores oportunidades; visava inicialmente se mudar para a Região dos Lagos do Rio de Janeiro, mas por influência de um parente chega a Itaúna. Sua lembrança é de ser uma das primeiras moradoras do bairro, ainda com poucas casas e pouco comércio. Comenta que dentro das posses iniciais da

⁸ Gênero historiográfico surgido na Itália no fim do Século XX, principalmente nas figuras dos historiadores Ginzburg e Giovanni Levi. A micro-história é caracterizada por um recorte temático menor, em escala de observação reduzida. É comum assim temas ligados ao cotidiano de comunidades específicas.

⁹ Metodologia de pesquisa histórica que utiliza-se de entrevistas e relatos orais como fonte historiográfica. É usado como um meio de reavaliar certas questões metodológicas na História, em particular, numa forma de ouvir a voz de “pessoas comuns”, somando sua contribuição à pesquisa.

família, se sente muito satisfeita com todas as oportunidades que o bairro lhe rendeu para criar seus filhos. Diz a todo o momento que sente muita falta das décadas iniciais no bairro, onde “tudo era melhor”: “Aprendi a amar esse lugar, mesmo com a saudade da minha terra... mas hoje sairia na primeira oportunidade” – confessa. A *Moradora B* diz temer pela segurança no lugar, em que precisa se aprender a viver cada vez com menos contatos. Concluiu que o lugar passou por crescimento populacional notável apenas na virada da década de 80 para 90, e que as primeiras notícias de violência aparecem com frequência apenas nos últimos 15 anos.

3.3 O avanço do crime organizado

O início do século XXI foi de notável mudança para a região. Na primeira década a população de Itaúna já ocupava quase toda sua área, e o vizinho Salgueiro já era reconhecido lugar de domínio do tráfico. O ponto de virada ao que se vê atualmente acontece na última década, com implantação do projeto de UPP¹⁰. A partir da década de 2010, boa parte da área de Itaúna se torna zona de domínio do tráfico, com criminalidade acentuada e constante alvo de operações policiais. Nota-se também sua ligação direta com o poder das favelas vizinhas, caracterizando um Complexo de Favelas (Salgueiro) dominado por uma mesma facção.

Posterior à implantação da UPP e a desarticulação de quadrilhas de algumas favelas na Capital, há uma notória migração de alguns membros do Comando Vermelho para São Gonçalo, e em especial para a Favela do Salgueiro, que já era dominada pelo grupo. Pensando nas dificuldades de estudo do tema – trata-se de informações extraoficiais, ainda em acontecimento, e sem qualquer outro estudo acadêmico como embasamento anterior - e por não se tratar do foco principal do trabalho, basta aqui o entendimento central da violência e criminalidade em ascensão na história do bairro e no cotidiano de seus moradores.

3.4 ONG Luxo de Vida

Em 2014 é fundada a ONG Luxo de Vida no bairro de Itaúna. O projeto – sem fins lucrativos – se iniciou com a psicóloga Girlene Falcão, moradora do local e seu interesse em revitalizar um terreno público do bairro que estava repleto de lixo e animais como porcos, ratos e cobras. Dessa primeira ação, nasceu ideia de ofertar uma oficina de reciclagem para crianças do bairro. Hoje, com mais de três anos de existência e sede própria em frente ao local onde tudo

¹⁰ Unidade de Polícia Pacificadora. Projeto do Governo do Estado do Rio de Janeiro que a partir de 2008 se propõem a implantar polícias comunitárias em favelas com domínio do tráfico na capital, Rio de Janeiro.

começou, a ONG atende cerca de 140 crianças e adolescentes com suas diversas oficinas pedagógicas, além de atividades para adultos e idosos da região. A ONG se mantém por meio de doação de mantimentos, dinheiro depositado mensalmente por mantenedores ou preços simbólicos cobrados em determinadas atividades¹¹.

Atualmente, a ONG oferece oficinas voltadas a diversos segmentos, tais como educacionais, esportivos, artísticos e lúdicos. Destacam-se em sua página, oficinas de ballet, moda, capoeira, muay thai, entre outras. No âmbito pedagógico vemos aulas de espanhol, educação ambiental, reforço escolar, além do projeto “Escola Dinâmica” que visa um reforço escolar com métodos criativos para turmas de 5 a 11 anos. O Luxo de Vida tem ainda um programa de integração que oferece a comunidade atendimento jurídico, psicopedagógico e psicológico.

3.5 Desenvolvimento e Afetividades em Wallon: principais inferências da pesquisa.

“Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva.” (GALVÃO, 1995, p. 45). A partir dessa visão psicogenética do Autor, podemos dividir cinco estágios de desenvolvimento: impulsivo-emocional, sensório-motor e projetivo, personalismo, categorial, e estágio da adolescência. Para caráter de informação, esse primeiro estágio é caracterizado pela emoção, vital nos primeiros contatos da criança com o meio; abrangendo o primeiro ano de vida; no segundo estágio, indo até os três anos da criança, trabalha com a exploração senso-motora do mundo físico. A partir daí, temos o estágio de personalismo que vai até os seis anos de idade. Nessa fase há a volta da predominância afetiva, e uma prioridade ao processo de formação da personalidade. Superando esse estágio - aos seis anos e até os doze - a criança volta-se novamente as coisas no categorial. No quinto estágio, na entrada da adolescência, a fase da afetividade volta a ser predominante, tendo a necessidade de nova construção de personalidade. Dá-nos maior interesse aqui os estágios do personalismo e categorial – onde se encontram as crianças da ONG presentes nos relatos.

Nesta última parte da investigação das relações sociais estabelecidas, analisaremos os aspectos relativos à relação entre afetividade e aprendizagem para Wallon. Um de seus pontos centrais – e essencial para nossa plena compreensão – seria a diferenciação entre os três momentos presentes na afetividade: emoção, paixão e sentimento. Abigail Mahoney e Laurinda de Almeida (2005) conceituam esses termos a partir do pensamento walloniano: “[Afetividade] Refere-se à

¹¹ Informações retiradas do site oficial da ONG. Disponível em: <http://luxodevida.org.br>. Acessado em 14 de outubro de 2017.

capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 19). Diferenciam-se assim seus três momentos: sendo a emoção a expressão da afetividade, sua demonstração externa; o sentimento como a expressão representacional da afetividade; “[paixão] revela o aparecimento do autocontrole para dominar uma situação: tenta para isso silenciar a emoção”. (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 21). Pensando na manifestação de emoção, consideramos essa parte da teoria emotiva walloniana *a priori* como metodologicamente dialética em relação ao desenvolvimento genético. Como característica importante para análise, destaca-se seu caráter altamente contagioso – devido sua função basicamente social. Como destacado ainda por Dantas: “Do seu caráter social resulta ainda a tendência que tem para nutrir-se com a presença dos outros. Plateias desempenham o papel do oxigênio que alimenta a chama emocional” (DANTAS, 1992, p. 88).

Pensando por esse olhar, é essencial a relação estabelecida entre professor-aluno: a relação dialética. Na visão walloniana, o afeto (seja ele positivo ou negativo) influenciando de forma direta a aprendizagem. A seguir nos aprofundaremos no caso de dois alunos da ONG, e como se deu a reação deles as diferentes formas de estímulos e afetos, relacionando isso a sua aprendizagem. Veja mais detalhadamente nos relatos de campo abaixo:

Aluna A - A garota de cinco anos (no estágio personalista) tenta chamar a atenção para si, característica própria do seu estágio de desenvolvimento - predominantemente emocional. Essa garota ao não receber o retorno esperado, se ver ora ignorada, ora alvo de reclamações da turma, não consegue desenvolver nem mesmo as atividades mais básicas, outrora feitas por ela na aula anterior. Ela é assim afetada negativamente. Por duas aulas seguidas ela tenta escrever seu nome numa folha e treinar a escrita das vogais. Na última aula dessa oficina ela conseguiu cumprir isso, nessa atual não. Como dito, isso só é atenuado a partir do momento em que a Professora da Oficina dá uma atenção especial à aluna, indo individualmente até ela. Na reta da final a Professora convida-a para sentarem juntas numa poltrona – com mais uma aluna de idade parecida – e assistir alguns vídeos lúdicos, específicos para a iniciação da alfabetização. Vemos no *Noema* do dia como foi descrito essa parte final:

Ao fim, é passado um vídeo musical lúdico-educativo para as crianças mais novas. Trata-se de um vídeo da dupla de palhaços “Patati e Patatá” ensinando o ABC e a escrita de

algumas palavras. A Professora assiste ao vídeo, sentada juntamente aos alunos numa poltrona, de forma bem descontraída¹².

Aluno B – Esse aluno (que se encontra no estágio categorial) desde o início da Oficina de Reciclagem passa por grandes dificuldades para realizar as atividades previstas: a confecção de um porta treco. Decorrente disso, a Professora da Oficina ajuda-o realizando várias das ações em seu lugar, arrancando assim protestos das outras crianças.

O garoto da turma – o mais disperso desde o início – pede ajuda por não saber fazer determinado recorte sozinho. A professora se põe a fazer para ele. Quase todo o resto da turma se coloca em protesto, e repete que se fosse assim, ela deveria fazer para todos os outros alunos. Pouco depois do fato, esse aluno se levanta e vai para a parte externa da sede; se parece cada vez mais desestimulado para continuar a oficina. Ao fim, quando todos já terminam, a professora e outros voluntários o chamam de volta¹³.

O *Aluno B* já não demonstrava uma grande motivação em seu início de trabalho. Logo após ele se tornar alvo dos colegas de oficina, sua reação instintiva é sair daquele lugar, desistir completamente da atividade. Ele só retorna a sala já ao fim da oficina, depois da Professora, voluntários e outras crianças vierem até ele e o incentivar a voltar. Ao fim, ele recebe elogio de todos pelo trabalho que fez, e só assim seu jeito muda: “Ele consegue terminar seu artesanato ao fim, e recebendo elogios da professora demonstra maior alívio e deixa escapar sorriso¹⁴”.

Para encerrar as exemplificações acerca da afetividade – central na teoria walloniana – observamos a Oficina de confecção da Horta Comunitária. A ideia de uma horta comunitária tomou corpo pensando em utilizar um espaço ocioso na própria rua da sede. Cerca de doze alunos se alunos se dividiam em grupos de trabalho ocupando todos os cômodos da sede. A oficina não tem um Professor em si; parte de uma ideia da coordenadora do projeto, que após explicar os pontos principais deixa os alunos trabalharem quase que por conta própria. O modelo feito pelos alunos é de um vaso auto-irrigável, todo confeccionado de materiais recicláveis. O trabalho é praticamente todo confeccionado pelas crianças.

Os alunos parecem ter respondido muito bem a confiança que foi depositada a eles nessa oficina (...) Ainda que todos da mesma idade, os que participavam da atividade pareciam querer se mostrar mais maduros, e cobravam da coordenação que os alunos de fora falassem mais baixo. Os alunos ainda cobravam entre si um melhor trabalho, melhorias na

¹² Relatos presentes no Noema do quarto dia de trabalho, em 06 de novembro de 2017.

¹³ Relatos presentes no Noema do primeiro dia de trabalho, em 25 de outubro de 2017.

¹⁴ Idem

forma de cortar, por exemplo. A coordenadora e os outros voluntários no local pareciam perceber a mesma coisa, e até por isso foram deixando cada vez mais espaço e liberdade para o trabalho dos alunos. Quando dito o horário do fim, se viam alguns alunos tristes e reclamando por já terem de voltar para casa, onde diziam não ter nada para fazer¹⁵.

O que ficou notado nessa oficina foi o comportamento até mesmo surpreendente dos alunos quando colocados em posições ativas. O engajamento na atividade e atenção disposta a ela foi superior à boa parte das oficinas anteriores. A coordenadora do projeto depositou desde o início toda confiança aos alunos; não censurou ou deu ordens, deixou-os no comando. Comumente passava por eles elogiando o desenvolvimento do trabalho, o que fazia os alunos se animar e se cobrarem ainda mais no trabalho. Vemos na situação explicada a importância do lado afetivo da coordenadora que deposita nos alunos a emoção e a experiência do sentimento de confiança e empoderamento. A aplicação dessa afetividade no desenvolvimento da atividade resulta no autocontrole das potencialidades desses alunos – paixão no termo walloniano – e traz um efeito positivo a prática educacional que foi organizada nessa oficina.

5. CONCLUSÕES

Uma das principais conclusões que aponta-se dessa pesquisa é a tentativa de reconstrução da memória e da história de todo um bairro. Aqui, infere-se tendo como base a história mais recente do local, a grande influência que a escalada de violência – a qual o poder público não acompanha com políticas efetivas de prevenção – têm no desenvolvimento das crianças do local. Wallon considera relevante a interferência do meio no funcionamento orgânico e na prática das relações interpessoais, como dito em Galvão: “só podemos entender as atitudes da criança se entendemos a trama do ambiente na qual está inserida¹⁶”. Todo esse contexto local influencia em grande medida os conteúdos e ofertas que organizações socioeducativas consideram relevantes a serem ofertadas para esses alunos, tal como a visão que esses fazem de si mesmos.

Quanto à exploração dos conceitos de Wallon para se pensar numa prática socioeducativa, destacam-se dois pontos: a relação de como se dão os estágios de desenvolvimento e como eles se desenvolvem nas camadas empobrecidas, e a afetividade como ferramenta (seja positiva ou negativa) nos processos de ensino aprendizagem. Em relação aos estágios de desenvolvimento, os

¹⁵ Relatos presentes na Variação Eidética do sexto dia de trabalho, em 08 de novembro de 2017.

¹⁶ (GALVÃO, 1995, p. 36).

relatos descritos nos diários de campo mostraram-se em grande conformidade com a teoria walloniana. Infere-se o desenvolvimento dessas crianças do projeto com grande semelhança de características às descritas por Wallon em cada um dos estágios da infância. Percebe-se ainda, alguns dos problemas relativos à prática docente em turmas na qual as crianças estão em diferentes estágios, o conflito que pode gerar essa predominância de diferentes sentimentos em cada criança.

A criança ainda no estágio personalista pode causar algumas dificuldades de convivência com crianças já no estágio categorial. Ainda em grande congruência com o que é proposto por Wallon, exemplifica-se bem o uso da afetividade na prática educativa, e como seu uso pode ter diferentes efeitos sentidos a partir de seus usos. O maior uso de uma afetividade positiva, de empatia e encorajamento para uma autonomia do aluno gera resultados muito mais eficazes no processo educativo, em particular, quando respeitado seu tempo de desenvolvimento e o contexto social na qual esse está inserido. No contrário, a partir de uma prática afetiva negativa, onde o educador demonstra pouca confiança no aluno, quando a atenção e a confiança relativas à suas especificidades não são respeitadas, vê-se um aproveitamento ainda mais inferior, sendo decisivo para o desencorajamento do aluno nas atividades propostas.

Esse trabalho pode servir para outros profissionais prosseguirem a partir da mesma reflexão ou aplicá-las de diferentes formas. Cabe destacar a necessidade de uma construção ainda mais constante da história e do estudo de caso a partir dos diferentes espaços que abrigam práticas socioeducativas, em especial em regiões mais vulneráveis onde se fazem necessários mais estudos que possibilitem entender melhor o funcionamento desses grupos, suas necessidades educacionais e as práticas que são desenvolvidas nesses contextos socioeducacionais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Victor Leonardo de; MELO, Hildete Pereira de. *O processo de esvaziamento industrial em São Gonçalo no século XX: auge e declínio da “Manchester Fluminense”*. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, n.4, Rio de Janeiro, 2014.

DANTAS, Heloysa. *Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon*. In: LA TAILLE, Yves de [et. al]. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo. Summus. 1992.

FERREIRA, Arthur Vianna. *O uso da fenomenologia nas práticas de estágio supervisionado para licenciaturas*. Rev. Brasileira de Ensino Superior. Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 5-14, 2015.

_____. Representações Sociais e evasão em espaços educacionais não escolares. Curitiba: CRV, 2016.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ. Vozes. 1995.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA; Laurinda Ramalho de. *Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. Psic. da Ed., São Paulo, 20, p. 11-30, 2015.

MORAES, João M. Bodê. *Espaço do trabalho e mudanças socioespaciais: a reconstrução dos espaços urbano-fabris no município de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro*. Meridiano - Revista de Geografía, v. 03, p. 67-82, Buenos Aires, Argentina, 2014.